

Pelo direito de ouvir: Falcão, música e estereótipos (esboço)

Ivan Fortunato

Instituto Federal de São Paulo/Itapetininga
ivanfrt@yahoo.com.br

Este artigo, que está em processo de elaboração, portanto incompleto, foi motivado pela conjuntura estabelecida pelo 10º Encontro de Música e Mídia, criando espaço oportuno para discutir questões que há muito incomodam: a ideia de que o gosto musical está intrinsecamente relacionado ao status social, econômico e cultural de cada indivíduo. Com isso, especificamente, marginaliza-se um dos mais complexos compositores brasileiros que é Marcondes Falcão Maia, conhecido como Falcão, ou pelas roupas coloridas e um girassol aderente ao seu paletó. Rotulado como brega, suas canções podem ser interpretadas como uma afronta ao pensamento culto sendo que, portanto, intelectuais não deveriam escutá-lo. O principal objetivo dessa comunicação é o de compartilhar como sua *catilogência* (alto grau de categoria, lógica e inteligência) é revelada ao longo de suas composições, apresentando, dentre outros, análise de conjuntura socioeconômica, crítica à política nacional e a processos burocráticos, controle midiático, homofobia, consumismo e até a própria ciência cartesiana... Ao final, defende-se não apenas a qualidade de sua produção cultural, que se torna pública por meio de um humor colorido de sátiras e paródias, mas o direito de ouvi-lo e com ele aprender.

Palavras-chave Falcão, humor, brega.

This paper, which is a first drafting, therefore incomplete, was prompted by the context established by the 10th Meeting of Music and Media, creating suitable space to discuss issues that have long bothered: the idea that musical taste is intrinsically related to social, economic and cultural status of each individual. Hence it puts aside the musical scenario one of the most complex Brazilian composers that is Marcondes Falcão Maia, a.k.a. Falcão, recognized by the colorful clothes and an adherent sunflower in his jacket. Labeled as tacky, his songs can be interpreted as an affront to the higher thinking and, therefore, intellectuals should not listen to him. The main purpose of this paper is to share how his *catilogencia* (high level of category, logic and intelligence) is revealed throughout his compositions, featuring, among others, analysis of socioeconomic factors, critics to national policy and bureaucratic processes, media control, homophobia, consumerism and even Cartesian science itself ... In the end, we defend not only the quality of his cultural production that becomes public through a humour made out of colorful satires and parodies, but the right to listen to his music and learn from it.

Keywords Falcão, humour, tacky.

Fica difícil um estudo,
Uma tese, uma análise,
À luz da ciência...
(Marcondes Falcão Maia, 1995).

Inúmeras vezes ouvi esse trecho em epígrafe, que é um desafio lançado pelo cantor Falcão. Incontáveis foram as tentativas de resposta, contudo, sempre silenciosamente, apenas em imaginação... Eis que as complexas contingências da vida permitiram contato com a chamada de trabalhos para o 10º Encontro Internacional de Música e Mídia, cujo escopo estabeleceu contexto oportuno para aceitar o desafio de responder às provocações do cantor. Entretanto, temos aqui somente a primeira versão de um longo e abstruso trabalho de pesquisa em comunicação social, tornando-a, portanto, ainda mais vulnerável aos eventuais deslizes e lacunas inerentes ao próprio processo de construção do conhecimento... Isso quer dizer que este artigo está em processo de elaboração, portanto incompleto.

Assim, conquanto a conjunção deste Encontro Internacional permitia o confronto com as referidas provocações do cantor, ela possibilitava, ao mesmo tempo, apresentar e debater a respeito de questões que há muito incomodam: a ideia de que o gosto musical estaria intrinsecamente relacionado a determinado status social, econômico e cultural em que se encontra cada sujeito, individual ou coletivamente. Se, por um lado, essa ideia não faz parte dos anais das ciências humanas, de outro, é empiricamente notória: não é raro ouvir chacotas ou ser menosprezado nas rodas intelectuais ao mencionar a admiração e estima as canções, ao humor e a sabedoria daquele que cantou, dentre muitas outras, “Concerto em Qualquer Tom para Triângulo e Roe-Roe” e “A Besteira é a Base da Sabedoria”. Apesar do otimismo de Waldenyr Caldas (2002, p. 7), acreditando em uma possível brecha a partir da democratização da Universidade, afirmando que os horizontes foram ampliados e que já não há mais “olhares de soslaio”, carregados de “conotação zombeteira do

desprezo e do pouco caso”, a experiência cotidiana, sem generalizações, tende a refalsear tal positividade, quase eufórica, de que não podemos mais considerar este ou aquele estilo musical como uma heresia.

Ao propor o Encontro Internacional, seus organizadores enfatizaram que “falar de músicas também remete a falar de músicos”..., e acredito ser importante falar de músicos. Podemos falar sobre aqueles e aquelas que, de alguma forma, em carreira solo ou em conjunto, conseguem ir além de encantar uma multidão pela qualidade sonora de sua música, ao fazer reverberar pública e constantemente algum refrão contagiante durante algum tempo. Mas, principalmente, podemos e devemos falar a respeito daqueles cantores e/ou daquelas cantoras que estabelecem diálogo com os elementos mais marcantes da cultura em que vivem, tornando-se referências perenes, seja na influência de novos cantores e compositores, seja como atores políticos, ou ambos. De imediato, lembrei-me do Maluco Beleza, o Raulzito, o Raul Seixas... sobre quem já havia afirmado que “cantava sobre a própria humanidade, indo além da análise e crítica do seu cotidiano embebido pela contracultura, pela ditadura militar... Raul versava sobre os mitos, os ritos, os sonhos e os desejos... sobre a vontade de consagração do herói de cada um” (Fortunato, 2011, p. 125).

Não obstante, o momento é outro. O Encontro Internacional quer aproveitar-se das efemérides para catalisar a memória e permitir que grandes momentos vividos pela humanidade, direta ou indiretamente, sejam reproblematisados e repensados, quiçá ao ritmo, harmonia e melodia de possíveis trilhas sonoras e/ou vozes cantadas na forma de “bandeiras políticas”. Algo muito próximo ao que o próprio Raul já havia acenado em 1975, no auge da censura da ditadura militar brasileira, quando bradou, ao afirmar que, além de egoísta (por que não?), sua “espada é a guitarra na mão”... Por isso, toda conjuntura criada pelo Encontro possibilitou, metaforicamente, erguer a espada (ou bandeira), em prol do que podemos nomear como “direito de ouvir”.

Esse direito abarca um conjunto de fatores muito pessoais, tais como estética, gosto e envolvimento emocional, sensorial e afetivo. Isso envolve, portanto, dizer que gostamos de determinada música ou de determinado artista tão somente porque gostamos, sem a necessidade de justificar e/ou explicar, seja a nós mesmo ou a outrem, quais seriam nossos possíveis motivos. Assim, permitir que essa bandeira seja arriada, enrolada e descartada, é também permitir que um dos mais complexos compositores brasileiros, Marcondes Falcão Maia, conhecido como Falcão, ou pelas roupas coloridas e um girassol aderente ao seu paletó, não seja considerado como parte de um possível circuito musical dos cantores de efemérides.

Isso acontece porque, ao ser rotulado como um cantor brega, suas canções podem ser interpretadas como uma afronta ao pensamento culto sendo que, portanto, intelectuais não deveriam escutá-lo... algo próximo ao que apontou Gilmar de Carvalho (2003, p. 9), ao prefaciá-lo o “Leruaite” de Falcão e seus heterônimos: “muita gente não gosta, acha pouco refinado”. Isso foi ratificado por Caldas (2002, p. 7), ao afirmar que o tema *brega* poderia ser entendido como uma blasfêmia acadêmica, sendo que “se alguém mencionasse esta palavra, subitamente, surgia um olhar matreiro, de soslaio, em que estava implícito o desprezo, o pouco caso e até a arrogância”. Bonfim (2009, [p. 4]), ao analisar tributos realizados no país em homenagem ao universo da música brega, relembra que esse estilo há muito é tratado em tom pejorativo, estética e socialmente. Isso está *online*, no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (2014): no decorrer da última metade do século passado, o brega evolui de um termo pejorativo para a música romântica brasileira, para um gênero altamente vendável da indústria cultural nacional. Carvalho (2003, p. 9) atribui tal desenvolvimento a Falcão, que teria criado o brega, virado *cult* e acessado à Indústria Cultural por meio de suas fitas cassetes, que se tornaram “objeto de desejo”.

Então, como o próprio Falcão preconizava em epígrafe, tentar compreender suas ideias, pelo olhar acadêmico, não é uma tarefa simples,

tampouco de fácil aceitação. Mesmo tal provocação tendo sido lançada em um contexto diverso ao que aqui propomos, cantada liricamente em defesa à diversidade, especialmente contra a homofobia, ela deve ser considerada válida, afinal, pretende-se contestar parte do conhecimento científico à luz da própria ciência... Por isso, é mais do que necessário lembrar-nos do princípio que Edgar Morin (2003) havia apresentado como reintrodução do conhecimento ao conhecimento, característica intrínseca ao próprio conhecimento, que é sempre construído sobre determinadas circunstâncias históricas, sujeitas a mudanças ao longo dos anos e da própria dinâmica cultural. Por isso, quando algo é esclarecido à luz da ciência, não deve ser compreendido, de imediato, como pronto, acabado e certo, afinal...

Já está provado por A+B que A+B não prova nada
E eu pessoalmente já mostrei que é tudo a mesma coisa.
Mas ainda tem gente que não sabe ou então tá se fingindo
Que pra quem tá indo quem vem vindo na verdade é quem tá indo
(Falcão, faixa A+B, 2000).

Assim, diante tal complexo contexto estabelecido pelo entrelaçar entre a proposta do Encontro de Música, a necessidade de repensar constantemente o saber produzido pela ciência, e a inquietante provocação de Marcondes Falcão, emerge este artigo (em sua versão embrionária) cujo principal propósito é a defesa política do direito de ouvir. Para alcançar tal objetivo, compartilhamos a produção musical de Falcão, com foco específico nas letras de suas canções, apresentando em, sequencia cronológica, cada um dos seus oito discos, desde “Bonito, Lindo e Joiado”, de 1992, até “What Porra is This?”, de 2006. Nesses oito álbuns, podemos ouvir exatamente uma centena de canções distintas¹, sendo composições próprias, em parcerias, versões, adaptações e/ou traduções. Nesta primeira versão da pesquisa, contudo, não vamos além

¹ “Um bodegueiro na FIEC” foi incluída nos dois primeiros discos.

de algumas breves considerações, praticamente aleatórias, a respeito das qualidades inerentes ao seu processo criativo e sua performance musical.

O que podemos observar é que, em sua extensa produção musical, Marcondes Falcão faz uso de dois elementos principais, que estão presentes praticamente em todas as suas canções.

O primeiro e mais evidente desses elementos é o humor, não apenas por meio de sátiras e paródias, mas também pela quebra do esperado, pela inversão, e até mesmo pelo *nonsense*. O humor torna-se presente na constituição imagética do cantor, que sempre de óculos escuros, abusa de um excessivo uso de cores em seu figurino, misturando xadrez com listras com estampas, além de sempre trajar um paletó cheio de penduricalhos como fotografias três por quatro, tomadas, placas... e o mais característico: um enorme girassol na lapela.

Tudo isso, torna oculto o segundo elemento presente em sua música, por vezes permitindo que seja ignorado e, portanto, até tido como inexistente. Trata-se de um conceito identificado por um neologismo, cantado na mesma canção em Falcão lançou seu desafio à ciência: a *catilogência*, que pode ser compreendida como “alto grau de categoria, lógica e inteligência”. Sua própria *catilogência* é revelada ao longo de suas composições, apresentando, dentre outros, análise de conjuntura socioeconômica, crítica à política nacional e a processos burocráticos, controle midiático, homofobia, consumismo e até a própria ciência cartesiana...

Quando a pesquisa avançar a redação do artigo tornar-se definitiva, possivelmente cobriremos as lacunas deixadas até aqui, fundamentando ainda mais os argumentos e conceitos apresentados. Por ora, as ideias tecidas de forma aleatória caminham em defesa do direito de ouvir Falcão. Quer pela qualidade de sua produção cultural, que se torna pública por meio de um humor colorido de sátiras e paródias, e/ou pelo conteúdo crítico de suas canções, continuo ouvindo Falcão...

Referências

- BONFIM, C. Eu não sou cachorro, mesmo: música popular urbana, culturas juvenis e identidade cultural. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: Anais..., 2009.
- CALDAS, W. Prefácio. In: JOSÉ, C. L. *Do brega ao emergente*. São Paulo: Nobel, 2002, p. 7-8.
- CARVALHO, G. Prefácio metido a besta. In: FALCÃO, M. *Leruaite: dog's auau it's not nhac nhac*. 5ª ed. Fortaleza: Edições Livro Técnico; Premium, 2003, p. 9-10.
- DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Online. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/>, acesso em 07 de agosto de 2014.
- FALCÃO, M. *What porra is this?*. NC Music, 2006. 1 CD. 12 faixas.
- _____. *Leruaite: dog's auau it's not nhac nhac*. 5ª ed. Fortaleza: Edições Livro Técnico; Premium, 2003.
- _____. *Do penico à bomba atômica*. Somzoom, 2000. 1 CD. 16 faixas.
- _____. *500 anos de chifre*. Abril Music, 1999. 1 CD. 13 faixas.
- _____. *Quanto pior, melhor*. BMG, 1998. 1 CD. 13 faixas.
- _____. *A um passo da MPB*. BMG, 1997. 1 CD. 12 faixas.
- _____. *A besteira é a base da sabedoria*. BMG, 1995. 1 CD. 12 faixas.
- _____. *O dinheiro não é tudo, mas é 100%*. BMG, 1994. 1 CD. 12 faixas.
- _____. *Bonito, lindo e joiado*. BMG, 1992. 1 CD. 11 faixas.
- FORTUNATO, I. Toca Raul: intertextualidades nas músicas de Raul Seixas (in memoriam). *Aurora (Revista de Arte, Mídia e Política)*, São Paulo, n. 12, p. 117-127, 2011.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SEIXAS, R. *Eu sou egoísta*. Composição: Raul Seixas e Marcelo Motta. In: SEIXAS, R. *Novo Aeon*. Philips, 1975. 1 LP. Faixa 4.